

A MÁSCARA: Arte – Vida – Theatro (Lisboa, 1912) – Abre com uma saudação grega *Phoebe, fave!* Em grego antigo, *phoebe* significa “brilho”, que se subentende ser “do intelecto”. É uma revista de crítica pintalgada de ironia, redigida semanalmente, de forma constante e profissional, por **Manoel de Sousa Pinto** ao universo artístico e social, durante os primeiros quatro meses do ano de 1912.

Na coleção completa da revista existem 2 exemplares do n.º1, dos quais se imprime o primeiro em tamanho de bolso, de 17 cm de dimensão. Encontram-se encadernados, num volume, os doze números, saídos entre **20 de Janeiro e 13 de Abril de 1912**, totalizando 13 “folhetos” ou números. Infere-se que, só o primeiro número, o de bolso, é impresso na *Typografia Mendonça, Rua do Corpo Santo, 46-50, Lisboa, 1912*, segundo informação na sua contracapa anterior.

A revista apresenta-se com duas capas e, na sobrecapa exterior, anuncia-se sempre: **Manoel de Sousa Pinto** como o “autor” de um livro; o título e o subtítulo da revista; a gravura de uma máscara clássica com a boca aberta, tipo *carranca*, ao centro; a datação completa (*volume 1º, N.º1, 20 Janeiro*); o preço, *50 Réis*; e a identificação da Editora, **Livraria Ferin Ed. Baptista, Torres & Ct.ª, 70, Rua Nova do Almada, 74, Lisboa**, casa comercial que ainda ali existe.

Nas contracapas exteriores, por baixo da mesma *máscara/carranca* em formato menor, a revista informa que se publica “**todos os sábados [...] em folhetos de 16 a 32 páginas**”, indica os “Preços: avulso: Portugal, 50 réis; Brazil, 250 réis (moeda fraca)” e da “Assignatura (pagamento adiantado): cada série de 10 numeros: Portugal, 550 réis; Brazil 2.500 réis”. E indica que “**toda a correspondência relativa à administração deve ser dirigida à Livraria Ferin [...] e “a que diga respeito ao auctor para a Avenida da Liberdade, 178, 4.º Esq.º**. Também, a menção a: “**Agentes d’A Mascara [sic]: Coimbra** – Livraria Académica de João de Moura Marques – 171, Rua Ferreira Borges, 173 é incluída até ao n.º 9 (23 março).

Os três últimos números apresentam contracapas exteriores diferentes, com outro anúncio: “Novidade litteraria: **Grandes Vultos Portugueses I: D. João de Castro por Manoel de Sousa Pinto**, 1 volume, brochado, 400 réis” e o nome da Livraria Ferin como editora. Manoel de Sousa Pinto (MSP), como autor do primeiro livro de uma coleção, impele-nos a pensar que continuará a sua carreira de escritor. MSP já tinha experiência de diretor de outra publicação periódica com o título **Arte & Vida: revista d’ arte, crítica e ciência** (Coimbra: 1904-1906) da qual, o primeiro número já se encontra disponibilizado, em formato digital¹.

¹ Ver: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArteeVida/ArteeVida.htm>

Daniel Pires esclarece que *A Máscara* era “**exclusivamente redigida por Manuel de Sousa Pinto**, publicada em Lisboa, de Janeiro a 13 de Abril de 1912. Tinha periodicidade semanal, tendo vindo a lume doze números”². Outra obra de referência refere-se a Manoel de Sousa Pinto como o “**Editor da revista A Máscara**”³. Mais, O Arquivo Distrital do Porto cataloga MSP como **Diretor** da revista.⁴

Sem textos assinados, ou assinantes, pode-se inferir que *A Máscara* é **redigida por uma só pessoa** e, talvez editada em parceria com a Livraria Ferin que a administrava. A confirmá-lo, a “Nota - **por doença do seu auctor deixou de publicar-se A Mascara no sabbado passado**, pelo que se pede desculpa aos seus assignantes e leitores” (n.º 5, p. 92). Assim, houve uma exceção na periodicidade da revista, em que o seu n.º 5 foi quinzenal em relação ao n.º 4 de 10 fevereiro.

Na nossa opinião, esta revista, pelas suas características e conteúdos, inclui-se nas categorias de periódicos de **Imprensa Cultural, Artística e Teatral**.

PROGRAMA EDITORIAL

Falemos agora de alguns dados biográficos de **Manoel de Sousa Pinto (1880-1934)**, os quais referem que foi escritor, professor, jornalista e académico. Nasceu no Rio de Janeiro mas, com três anos de idade, veio com os pais para Coimbra, onde tirou dois bacharelatos em Direito e Letras. Sabemos que lá residiu até 1906, ano final da primeira revista que dirigiu. Depois, vem para Lisboa, onde **colabora nos jornais A Lucta e A Capital, antes de lançar A Máscara, em 1912**.⁵

O “programa editorial” da revista vem no primeiro texto: “**I - Phoebe, fave! Os bons dias, propósitos e razões d’ A Mascara**. Sobe o panno”. Aqui, MSP afirma que **d’ A Máscara é o seu chronista**. Informa ainda que “**de Carnaval só existe a festa**, ora esplendida, ora fúnebre, quasi sempre olvidavel ou corriqueira, **dos teatros, das exposições, dos ateliers, dos livros, das ruas** – que de todos esses logares e aspectos, **A Mascara**, sempre contentemente **disposta ao louvor, nunca com transigência, receosa da censura**, se propõe destacar o que nelles venha a haver de interessante e aproveitável para uma espécie – uma *especiesinha*, como diminutivamente poderia tornar a dizer qualquer diminuto e desbarbado moço da nova poética – **de inventário ou chronica da vida artística**, com preferência, e de onde a onde, da vida pitoresca portugueza.” [...] E continua dizendo que ela “não surge instigada por **nenhuma vil ambição de escândalo**, verrina ou chacota”. [...] “Um pouco mais à frente, especifica que zelarà pelos “**direitos da arte e da beleza** – as duas supremas razões da sua existencia e única **divisa do seu pavilhão**. Resta apenas dizer que, tendo de conversar com o leitor todos os sabbados

² PIRES, Daniel. “MÁSCARA (A): Arte, vida, teatro”. - *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1900-1940)*. Lisboa: Grifo-Editores e Livreiros Lda., 1996, p. 234.

³ “A MÁSCARA: arte, vida, teatro.” - *Publicações Periódicas Portuguesas existentes na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (1911-1926)*. Catálogos e Bibliografias, 7. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade, 1991, p.344.

⁴ Ver: <http://pesquisa.adporto.pt/details?id=1392185>

⁵ “SOUSA PINTO (Manoel de)”- In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Vol. 29, Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1978, p. 904-905.

[...] e, quando não houver qualquer atualidade portuguesa de interesse, **A Máscara** falará de outros temas de além-fronteiras”.

Mais à frente, MSP critica ironicamente um jornal mas não revelando o nome, dando o seu próprio exemplo. **“Um jornal assaz brilhante, em matéria de reformas, começava-as, a título de aconselhavel economia, por cortar uma chronica d’arte que vinha publicando, resolvendo, ao que parece, dispensar, por luxuosa, essa secção do noticiário da capital.”** E justifica-se, “farto de se sentir, como numa capoeira, volta e meia ameaçado pela degola, decidi buscar, a título de experiência, um mais livre, desafogado e seguro campo litterario. **É A Mascara essa experiência. Se houver em Portugal todo algumas centenas de pessoas com interesse** por taes assumptos, ella vingará. **Se as não houver, A Mascara morrerá ingloriamente [...]**” (n.º1, pp. 3, 6-7).

Chama-se a atenção para o título principal, *A Máscara*, pois este remete-nos para dois eventos sociais e culturais muito apreciados: o *Carnaval*, festa pagã, e o *Teatro de Arte*. Antonímica, como disfarce ou símbolo de identificação, a **máscara** é um acessório artístico utilizado para esconder o rosto humano e o **“mais simbólico elemento de linguagem cénica”** no Teatro.⁶

Saudosista, a revista praticamente o afirma no seu “artigo” **XXV – Uma carta da Saudade**, a qual tem por destinatário o “Sr.Chronista” e, começa assim: “Escrevo-lhe do meu penedo de Coimbra, pois, como deve saber, os filhos d’ esta terra, de quem sou madrinha, ainda me não deram a torre com que há tanto sonho. [...]” E termina com duas referências literárias ao Porto. Uma a um movimento, outra a uma revista ligada a esse movimento, **A Águia: revista quinzenal ilustrada de literatura e crítica** (Porto, 1910-1938): “Que os moços busquem e trilhem o seu caminho, está bem. Não os desanimarei. Mas que, faltos de ideias, queiram fazer de mim – ramo imortal e virente – seu bordão reateiro, não me apraz consenti-lo de bom grado, e se a **Renascença Portuguesa**, do Porto, persistir nesse inglório fadário de me desacreditar, **eu, que vou a muito mais alto que a sua Águia cinzenta, saudosamente lhe rezarei por alma.**” Assina-a, “**A Saudade**” (n.º 7, pp. 123-124).

Ironicamente pode-se responder à remetente, e dizer que pode ficar descansada, pois a **Renascença Portuguesa e Leonardo Coimbra** (1883-1936), **defendem o “pensamento saudosista”** que se opunha ao “pensamento quixotesco”.

N’ *A Máscara*, o texto **“XXXVI – A Evocação da Vida por Augusto Casimiro. (Bibliotheca da Renascença Portuguesa. F. França Amado, editor. Coimbra, 1912)”**, é uma crítica literária ao primeiro volume rimado desta biblioteca. Crítica que insinua que a **saudade-panacea** é exagerada e, entre outras metáforas, lê-se que, neste livro, “as palavras se succedem tão abundantes e vãs como as maiúsculas [...]”. Acrescentamos que **no final deste escrito aparece uma gravura**, a preto e branco, composta por um burro em andamento e atrelado a uma pequena carroça das vindimas que é guiada por um *Baco* (?) nu, enterrado nos frutos que o definem e com um “chapéu de uvas” (n.º 10, p. 169-170).

⁶ Ver: <http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1scara>

CONTEXTO HISTÓRICO-POLÍTICO

A *Máscara* – escreve MSP – “já teve, a bem dizer, e pelo menos, **duas encarnações anteriores**, que lhe não desaprax recordar”. E depois de alguns devaneios sobre adultérios clássicos, retoma a linha condutora da narrativa, com “o seu já adjectivado passado é pequenamente mais modesto.” E finalmente conta que “foi n’ **A Lucta, durante dois longos anos e meio, a *Crónica do Theatro*** e “apoz um intermitente intervallo silencioso, pelo espaço fugaz de dois curtos mezes, e a ***Vida e Belleza n’ A Capital***. Não se pode, por conseguinte, como os leitores d’ ambas essas divulgadas gazetas concordarão, legitimamente concordar esta, uma mascara das que, em desabrido falsete, semsaboronas pelo Entrudo nos perguntam: *não me conheces?*” (n.º1, pp. 2-3).

De mencionar, que **A Lucta** (Lisboa, 1906-1935) foi um jornal diário imprescindível para a implantação da República em Portugal, principalmente pelo seu papel na contrainformação política distribuída gratuitamente, nos últimos três dias de confrontos militares nas ruas de Lisboa, de 3 a 5 de Outubro de 1910: “**A Lucta tornou-se órgão da União Republicana logo no início de 1912**, contrapondo-se ao *Partido Evolucionista* de António José de Almeida – com o seu diário *República* [Lisboa, 1911-] –, e ao *Partido Democrático*, de Afonso Costa, que era apoiado por *O Mundo* [Lisboa, 1900-1936]”. Já antes, na “introdução” do seu dicionário, **Mário Matos e Lemos**, coloca a idiomática pergunta do jornalismo português: “**Que escola magnífica não foram O Dia, A Capital, A Luta?**” Contextualiza ainda, dizendo que no “início do século [XX] existiam o telégrafo, o telefone, as correspondências e os jornais estrangeiros que chegavam no comboio, ou no barco, e do qual se extraíam notícias ou crónicas. **Os jornais de Lisboa tinham no Rossio, na Tabacaria Mónaco, que ainda existe, caixas separadas [...]**”⁷.

A “República” é mencionada no artigo “XXVI – **Exposição de Esculturas de Julio vaz Jinior**, no Salão Bobone (6 de março)”, o qual termina dizendo que “**é o seu grande busto da Republica**, de uma majestade romana, que obteve **o terceiro premio no concurso da Camara Municipal**. Pareceu-me um bom trabalho de modelagem, que pena é ter a coroa-lo essa pezada concha dos cabelos, onde o **phrygio gorro** assenta sem leveza, o que compromete o efeito imponente do seu **rosto sobranceiro de matrona fecunda e incorruptivel**.” (n.º 8, pp. 125-126). Crítica artística ou pura Ironia?

A lei que possibilita o divórcio continua na ordem do dia. Assim, o texto “**XXX – Carta a alguém que se quer divorciar**”, começa por perguntar a alguém anónimo: “**Também tu, meu caro, me vens com a pergunta inevitável: se eu aprovo o divorcio? Aprovo-o, sim senhor**. Aprovo-o em teoria e na pratica, como these e como realidade, no geral e no particular: o divorcio **por faltas graves, por mutuo consenso, por males irremediáveis, por sevicias**, etc., etc.” Depois de vários argumentos e exemplos a favor, termina a dizer que “aprovo-o **para todos, menos para ti**, que és indivorciavel, pois **nunca conseguirias afazer-te à contingencia de ver tua mulher pelo braço de outro homem**. [...]. Sim, porque tu, **como a maioria dos portuguezes**, tendo

⁷ LEMOS, Mário Matos e – “Para uma História da Imprensa Diária Portuguesa no Século XX: Como chegava a Informação aos Diários. Os Diários Republicanos” – In *Jornais Diários Portugueses do Século XX: um Dicionário*. Coimbra: Ariadne Editora, 2006, pp. 32; 38; 55.

pouco de D. João, **tens muito de Barba Azul.**” A intercalar este escrito encontra-se três **gravuras**, a preto e branco, duas delas de 2 casais burlescos e outra artística (n.º 9, pp. 151-155).

O cronista de **A Máscara** também está atento à realidade e utiliza uma linguagem quase jornalística num eterno tema polémico em Portugal - o divórcio.

ESTRUTURA GRÁFICA

A Máscara apresenta-se com uma estrutura quase fixa. O **n.º 2 vem com a sobrecapa e a contracapa exterior impressa em papel colorido e com letras coloridas a fazer contraste.** E o mesmo acontece com os outros números, mas com outras cores, mantendo-se o tamanho das letras e todos os outros elementos.

As capas (internas) da revista são compostas por um cabeçalho pequeno; a *mascara/ carranca* da sobrecapa, mas em tamanho menor; o título completo; a data completa e a numeração do folheto à cabeça e, a paginação seguida, no canto inferior direito. Logo a seguir, temos a numeração do tema e respetivo “sumário” e, o início do texto a ele referente. A última página da revista é a 204 que também contabiliza as capas. Mas, **se contarmos as XII do programa editorial**, serão **216, no total.** As 30 páginas do *número de bolso* devem considerar-se paginação repetida, pois o conteúdo é o mesmo das XII páginas do segundo exemplar do n.º 1 da revista.

O **segundo número** e os seguintes d’ *A Máscara* foram impressos em formato maior, de 23 cm de dimensão. Nele, um anúncio diz que “attendendo às numerosas indicações nesse sentido recebidas, **A Mascara** aumenta desde o presente numero o seu typo e o seu formato” (n.º 2, contracapa anterior). Outro anúncio, informa que “ a reimpressão do 1.º número d’ **A Mascara** será distribuída gratuitamente aos seus assignantes” (n.º 10; n.º 11, contracapas exteriores). Pode-se inferir, pelo primeiro anúncio aqui referido, que ***A Máscara* estava pensada para ser uma revista de bolso.**

Ao longo da sua efémera existência, só os preços para o Brasil sofreram alteração. Provavelmente por aumentos cambiais, a revista foi onerada em 50 réis para o número avulso e 500 réis para assinatura, passando a custar, respetivamente 300 réis e 3.000 réis. Este aumento só aconteceu para o último número publicado d’ *A Máscara* (n.º 12, contracapa exterior).

Estruturalmente, a revista é impressa em texto corrido, os conteúdos são datados e apresenta os títulos dos textos como se fossem “sumários”. Difícil é concluir-se se esta é uma revista ilustrada por causa da inclusão de **pequenas gravuras, impressas por técnicas variadas: gravura em claro-escuro, gravura em silhueta, gravura de camafeu, gravura a buril, etc.**⁸, a intercalar ou no final de textos, mas apenas dos n.ºs 7 ao 12. Curiosas são as gravuras em silhueta, a negro, que fazem lembrar o antigo *teatro de sombras*...

⁸ FARIA, Maria Isabel, e PERICÃO, Maria da Graça – *Dicionário do Livro: da escrita ao livro electrónico*. Coimbra: Edições Almedina, 2008.

CONTEÚDOS

Analisando *A Máscara*, pode-se resumir os conteúdos a textos críticos de arte e sociedade, tipo *documentos simples* e não rubricas, em que a maior parte inclui sinopses completas de peças teatrais, exposições ou livros.

Destacamos, pela curiosidade, um tipo de comportamento social num teatro de Lisboa, o texto “IV – **Loiie Fuller em Lisboa**: Da mocidade da sua arte luminosa, da hedionda velhice do seu corpo, e **dos bailados musicas das suas creanças**. (Theatro da Republica: 19, 20 e 21 de janeiro)”. Aqui, “**o respeitável**” é o público que, “mal viu assomar no palco as primeiras figurinhas [da Companhia Infantil] do primeiro numero para dançarem *Au clair de lune* de Beethoven, pareceu cair das nuvens, e **rompeu a protestar, a chalacear, a patear, num protesto grosseiro e crescente, que foi subindo de intensidade até ao assobio, á chufa, ao latido, ao cacarejo, ao zurro e á tourada.**” Este excerto de crítica de bailado termina assim, e refere-se à assistência: “Foi atroz. Urge esquecê-lo” (n.º 2, pp. 25-26).

Vamos agora referir uma personalidade lisboeta, incontornável do teatro de então, conhecido por **Eduardo Scwalbach** (1860-1946) e que, além de militar, foi jornalista e escritor. **Depois do 5 de Outubro de 1910, início da República portuguesa**, afastou-se das carreiras de deputado, de Inspetor do Conservatório de Lisboa, de redator da Câmara dos Pares e de Conservador da Biblioteca Nacional, e **dedicou-se ao Teatro, tornando-se um dramaturgo de sucesso**, principalmente em 1912, no período de existência de *A Máscara*.

De referir, o texto: “VII – Reapparecimento de duas peças de **Eduardo Scwalbach Lucci**: **Os Pimentas**: Comédia [...] e **A Feira do Diabo**: Satyra [...] (Teatro Apollo: 25 de Janeiro)”, inicia-se com um elogio a peças anteriores, dizendo que “a tentativa empreendida até agora **com bom êxito**, por Eduardo Scwalbach (ES) no **ex-Principe Real dos dramalhões de faca e alguidar**, ou seja **o actual Apollo da Agulha em Palheiro** e d’ **O Chico das Pêgas**, afigura-se-me curiosa e, creio eu, sem precedente por cá, a não ser, vagamente, com menos exclusivismo, em algumas antigas temporadas de Sousa Bastos.” Mais à frente, outro elogio a ES, como “**empresário de si mesmo**” que, “**vagando no final da passada epocha o Apollo, arrendou-o para si**”, como “**a Mecca do scwalbachismo**”. Ironicamente, continua: “**casas cheias de público**, porque, quanto a pessoal, **a companhia do Apollo é tão numerosa que**, na outra noite, **ao fim d’ A Feira do Diabo, mal se mexia no pequeno palco.**” A repetição é comentada: ora comparando atores porque “**Os Pimentas tiveram em tempo, no Gymnasio**, como interpretes, entre outros, Jesuina Marques, para quem a *Balbina Pimenta* era uma luva, e Joaquim d’ Almeida no *Leonardo*. O desempenho d’ agora, correcto e muito bem ensaiado, nada tem que o saliente”; ora comparando épocas, ao dizer que “**A Feira do Diabo foi, na sua estreia, representada no Republica em semana de Carnaval.** É natural que achesse **o Entrudo d’este anno no Apollo.**” E que ES “tomou para **ponto de partida da sua obra o Auto da Feira de Gil Vicente**, em que o *Diabo*, feito bufarinheiro, negocea à nossa vista”, assim no *Prologo* de ES, “é *Mephistopheles* quem falla, de encarnado e de monóculo [...]” (n.º 3, pp. 39-44).

Agora, temos um engraçado enquadramento teatral cómico, no texto: **XX – O Rei das Montanhas** [do romance de Edmond About]. **Opera cómica** em 3 actos de Victor Léon, tradução de Accacio Antunes, musica de Franz Lehar. (Teatro da Trindade: 27 de Fevereiro) ” Escreve MSP que “**a Rua da Trindade está-se tornando um sitio**, onde, à noite, vae sendo **perigoso passar sem precauções**. Calculem: **no Gymnasio, O Rei dos Gatunos**, de mestre Arsenio Lupin, **capaz de escamotear um chevelho ao diabo, sem elle dar por isso**; agora **na Trindade, Hadgi-Stravos, O Rei das Montanhas, um bandido à moda de 1850!**” Prossegue com uma crítica cénica, na qual se diz que as “**produções do cyclo austro-anglo-germanico da opereta moderna perdem metade do sabor ao serem transplantadas para Portugal**, em virtude do luxo, do aparato, das exigências scenicas, vocaes e dramáticas, que o seu especial character requer (n.º 6, pp. 103-104).

De referir, pelas opiniões de então, o texto que se segue e que se apresenta intercalado por seis **gravuras femininas em miniatura**, de corpo inteiro e a preto e branco, além de outra burlesca no fim do texto. É o “**XXIX – As Benjaminas**”, onde começa por afirmar que “**estão tendo actualmente grande extracção em Portugal os termos renascença e renascimento.**” Depois de uma gravura, reitera-se que “**fervilham as renascenças por todos os lados, de minuto a minuto: a renascença da bolacha Maria [desde 1874], a renascença da couve [...]**”, e continua: “**ainda absolutamente nada de novo surgiu, que não fosse a sabidíssima bolacha Maria [...]**”. A seguir a outra gravura, lê-se que **se alguém regressasse** passados anos, “**não encontraria novidades de maior, nem nos prédios, invariavelmente detestáveis, nem nas estátuas, sempre as mesmas, nem nas ruas, miseravelmente imundas e esburacadas, nem nas lojas, todas parecidas, nem nos jardins, pouco augmentados, nem nos cafés, onde os freguezes não variam, nem nos homens, que sempre lhe mostrariam as mesmas caras.**” E, depois da crítica social, vêm as comparações: “**todas as mulheres – com excepção das feministas, que são simias de saias – pertencem, não há duvida, ao sexo feminino, mas nem todas, poucas até sabem ser mulheres. Porque há mulheres e mulher – um adjectivo sem plural – como há flores e há a rosa.**” Mais uma *gravurinha* e vem o “**d’antes**” e o “**quando Fulana aparecia na esquina do Largo das Duas Igrejas, todo o Chiado dizia: Ahi vem Fulana de tal – e ella passava, inconfundível, emproada e magestosa**” (n.º 9, pp. 141-150).

Finalizamos a criticar este texto de 10 páginas, o qual, sem dúvida, é antifeminista, saudosista e repleto de crítica social, mas que também retrata Lisboa na segunda década do século XX, valendo como documento académico.

Por Helena Roldão

Lisboa, 9 de Agosto de 2013.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

PIRES, Daniel - *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1900-1940)*. Lisboa: Grifo-Editores e Livreiros Lda.,1996.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. 29. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1978.

LEMOS, Mário Matos e – **Jornais Diários Portugueses do Século XX: um Dicionário**. Coimbra: Ariadne Editora, 2006.

FARIA, Maria Isabel, e PERICÃO, Maria da Graça – **Dicionário do Livro: da escrita ao livro electrónico**. Coimbra: Edições Almedina, 2008.